



Por uma educação na era tecnológica

POR THALINE LUIZE R. FONTENELE

thalinelrf@hotmail.com

A proposta de Jonas é elaborar uma ética fundamentada no princípio responsabilidade, que possa inserir o meio ambiente e tudo que lhe envolve na sua forma de agir, transcendendo a esfera humana. Se existe a necessidade de mudar a forma de agir humana, então, é necessário refletir sobre o atual contexto. Como se define o contexto atual? Para Hans Jonas, o homem desde a Modernidade tem se isolado da Natureza, afastando-se cada vez mais dela, com o intuito de dominá-la de acordo com os preceitos do projeto baconiano.

Diante disso, é necessário pensar numa ética que considere esse contexto, mas que também priorize a natureza, responsabilizando o homem pelas suas ações. Se o Hans Jonas parte de um projeto que evidencia o princípio responsabilidade como fundamento para essa ética, então, a educação tem um papel fundamental nessa era tecnológica, no qual, devo aqui identificar, destacando sua importância para a compreensão de nossa sociedade e uma preocupação com as gerações futuras.

1. O fortalecimento do individualismo e a educação na era tecnológica

O sociólogo polonês Bauman e o filósofo escocês Alasdair MacIntyre contribuem bastante para o diagnóstico da sociedade contemporânea, em resumo, retratando de forma diferente, ambos concluem que a sociedade atual perdeu seu caráter teológico, ou seja, não possui mais um *telos* que possa lhe fornecer os fundamentos para seu agir, enquanto MacIntyre detecta um estado de crise moral, que tem buscado amparo na cultura emotivista, Bauman reflete sobre a imediatez da vida humana, fortalecida no



discurso individualista¹. Como se caracteriza este tipo de vida definido pelos autores? De acordo com Bauman (2009), por exemplo, vivemos numa sociedade que depende da eficiência para eliminar as coisas rapidamente, descartando-as. E a preocupação maior do sujeito que vive nessa sociedade é não ser o próximo a ser jogado no lixo. Ou seja, vivemos num estado social que só incentiva o egoísmo, o hedonismo e não possuem nenhuma preocupação com futuro, já que estão mais preocupados com o que fazer no presente.

Para o escocês Alasdair MacIntyre, a sociedade descrita por Bauman é uma sociedade com personagens emotivistas², que usam máscaras para agir moralmente, ou seja, trocam de postura quando acham necessário para defender seus interesses privados ou realizar suas satisfações pessoais. Por isso, o campo moral virou palco para a realização dos seus desejos, esta postura assumida pelo sujeito contemporâneo demonstra a falta de um telos que possa conduzir suas ações. De acordo com MacIntyre, o sujeito contemporâneo pode ser visto por essa ótica de ação:

Não posso genuinamente apelar a critérios impessoais, pois critérios impessoais não existem. Posso pensar que apelo e outras pessoas também podem pensar que eu apelo, mas essas ideias serão sempre equívocos. A única realidade do discurso distintamente moral é a tentativa da vontade de alinhar as atitudes, sentimentos, preferências e opções dos outro com as suas. O outro é sempre o meio, e não o fim. (MacIntyre, 2001, p.53).

De acordo com MacIntyre, o sujeito contemporâneo está desprovido de qualquer dos critérios impessoais para avaliar e agir moralmente, primeiro, porque lhe privaram da base que poderia fornecer a construção desses critérios, inclusive, se ver sem

¹ De acordo com o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, autor de livros como: Amor Líquido, Modernidade Líquida, O mal estar da pós-modernidade, dentre outras obras que abordam a condição de vida da sociedade contemporânea, afirma que: “A individualidade é uma tarefa que a sociedade dos indivíduos estabelece para os seus membros – como tarefa individual, a ser realizada individualmente por indivíduos que usam recursos individuais. E, no entanto, essa tarefa é contraditória e frustrante: na verdade é impossível realizá-la. (BAUMAN, p. 29, 2009).

² O emotivismo é uma corrente meta-ética, que surgiu no século XX tendo como principais representantes: Alfred Ayer e C.L. Stevenson, e concebe os juízos morais como expressões de atitudes determinadas pelas emoções. Na sua obra “Depois da virtude”, MacIntyre descreve o emotivismo como uma teoria do uso dos enunciados, no que se refere à linguagem moral e ao uso que o sujeito faz das premissas para defender seus interesses e suas convicções morais. Para os emotivistas, através das emoções é possível fundamentarmos nossos valores e conseqüentemente nossas ações, convencendo ao outro que nossas atitudes são melhores.



parâmetros morais, segundo, sem estes fundamentos, todo compromisso moral passa a ser constituído e direcionado para si mesmo, tendo como fim, suas próprias realizações pessoais. Essa atitude também se reflete no campo da educação,

Outras características que definem essa situação é falta de concordância entre os debates morais, no quais, nunca se chega a nenhuma decisão, já que as pessoas só participam dos debates atuais com a intenção de defender seus interesses. Para Bauman, um aspecto que cria consequências para este contexto é a falta de identidade deste indivíduo, que se torna incapaz de se definir. Nesse contexto, a educação também passa a ser descartável, estando em eterna reformulação, seguindo a lógica do mercado de consumo, no qual, o que é visto como educação aqui, passa a ser instrumento para adquirir um certificado ou diploma de especialista em algo que lhe possa trazer bens materiais. Como Bauman define num mundo líquido-moderno, “nenhum outro tipo de educação ou aprendizagem é concebível; a "formação" dos eus ou personalidades é impensável de qualquer outra forma que não seja uma reformação permanente e eternamente inconclusa. (BAUMAN, 2009, pag. 155)

Partindo disso, temos uma educação mercantilizada, consumida como um objeto no meio de uma prateleira, que visa apenas ao lucro, desconsiderando uma preocupação maior com o desenvolvimento humano ou mesmo com sua capacidade de pensar por si mesmo, de se tornar um sujeito crítico e capaz de ter uma função social, e não apenas um emprego que lhe trará bens materiais. A educação como mercadoria afasta o sujeito de uma preocupação com o seu próprio meio, desvinculando-o de uma responsabilidade moral até mesmo diante das consequências dos seus atos nas relações humanas e na esfera ambiental e política. Bauman conclui que,

O consumidor é inimigo do cidadão (...). A liberdade dos cidadãos não é propriedade adquirida de uma vez por todas; não está a salvo quando trancada em cofres privados. Foi plantada e enraizada no solo sociopolítico, que deve ser fertilizado diariamente e que vai secar e definhir se não for cuidado dia após dia pelas ações bem informadas de um público instruído e comprometido. Não são apenas as habilidades técnicas que precisam ser continuamente renovadas, nem é somente a educação voltada para o mercado de trabalho que precisa ocorrer ao longo da vida. O mesmo é exigido, e com mais urgência ainda, pela educação para a cidadania. (BAUMAN, p. 163-164, 2009)



Se Bauman vê que nesta sociedade contemporânea, marcada pela fluidez e imediatividade das coisas, deve-se pensar numa educação que tenha uma preocupação com a cidadania, como forma de retornar o sujeito social e político. O filósofo alemão Hans Jonas propõe uma ética que tem como princípio moral, a responsabilidade, porém, uma responsabilidade que vai além da esfera humana, preocupando-se com as consequências das ações do homem e da mulher no meio ambiente.

2. O princípio responsabilidade de Hans Jonas

Diante da crise moral evidenciada na sociedade contemporânea, destacamos novos problemas como a crise ambiental. O imediatismo e a vida líquida detectada por Bauman (2009) traz como consequência um esquecimento não só do Ser, mas da própria natureza. Com esse afastamento, fica impossível chegarmos a um acordo dentro de um campo político no que diz respeito a um pensamento em prol de uma filosofia da biologia ou ambiental. Partindo do desenvolvimento teórico do século XX, a filosofia deve sair de uma vertente tradicional, de âmbito antropocêntrica para um olhar na esfera da natureza.

A proposta do teórico Jonas é elaborar uma ética para os tempos atuais, considerando o desenvolvimento tecnológico e a influência desta tecnologia no âmbito da natureza. Ao elaborar uma nova ética, o filósofo critica toda as outras éticas tradicionais, afirmando terem tido uma preocupação apenas com o homem, retirando sua consciência e responsabilidade diante de algo muito maior, colocando em risco sua própria existência.

Para Hans Jonas, a era tecnológica tem eliminado a própria noção de ser humano, e impossibilitado este mesmo de ter alguma consciência sobre a vida, por isso propõe a construção de uma teoria ética fundamentada na responsabilidade, baseando-se nas categorias de bem, dever e ser e objetivando assumirmos nossa responsabilidade



diante de nossa própria existência, cumprindo assim com os valores e fins³ a serem alcançados, sem torna-los meios para alcançar bens externos ou necessidades individuais.

De acordo com ele, muito do que tem ocorrido na natureza é consequência das ações humanas, Bartolomeu Leite⁴ esclarece que: “O problema aparece quando o sentimento de mundo do homem entra de férias e parece não se dar conta de um perigo iminente, real, ao alcance de qualquer parte no planeta: a falta de controle do pensamento sobre os meios de produção, sobre o que está envolvido nessa adorável tecnologia.” Por isso, deve-se pensar agora em imperativos morais que não tenham como preocupação final apenas o ato em si, mas a continuidade da vida humana. Muitos dos filósofos que procuraram construir uma teoria ética, desconsideraram o caráter social ou mesmo ambiental, como ocorreu com a teoria moral kantiana.

Para elaborar uma teoria moral fundamentada na responsabilidade, como está ética é vista de certa maneira preocupando-se com o futuro da própria humanidade, Jonas se vê diante de um primeiro desafio, mostrar o porquê de se pensar no futuro. O sujeito aqui educado deve ser capaz de adquirir consciência deste mundo ainda não experimentado por ele, para só assim tomar valor da ideia de preservá-lo. A ideia de dever e dever –ser já se transmite aqui e é reafirmada quando Jonas declara que, enquanto tratarmos do homem é possível afirmar como imperativo que, a humanidade deve existir, e se esta humanidade deve existir, devemos preservá-la, não pela ideia de manter os homens futuros, mas sim pela ideia de homem, que exprime o que devemos ser enquanto estivermos ocupando este espaço.

³ Para Jonas, não se deve confundir valores com fins, para ele, “um fim é aquilo graças ao qual uma coisa existe e cuja produção ou conservação exigiu que algum processo ocorresse ou que alguma ação fosse empreendida” (2006, p.207). A finalidade de um objeto, artefato ou mesmo do ser humano é independente do valor que lhe atribuímos. Sabemos que a função de um martelo, por exemplo, é martelar, mas posso escolher viver num ambiente sem precisar dele, por acha-lo sem importância para mim, este seria o valor que lhe atribuí. O fim constitui sua própria natureza, mas o valor lhe é atribuído.

⁴ Entrevista do Filósofo Bartolomeu Leite sobre “Hans Jonas e a vida como valor máximo” em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4110&secao=375



Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. *Vida Líquida*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

JONAS, H. *O princípio responsabilidade*. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

_____. *O princípio vida. Fundamentos para uma biologia filosófica*. Trad. de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2004.

LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. *Educação moral na perspectiva de Alasdair MacIntyre*. Rio de Janeiro: ACCESS, 2007.

MACINTYRE, A. *Depois da virtude*. Um estudo em teoria moral. Trad. Jussara Simoes; rev. tec. Helder Buenos Aires de Carvalho. São Paulo: Edusc, 2001.

_____. *Justiça de Quem? Qual racionalidade?* Trad. Marcelo Pimenta Marques, 4 ed. São Paulo: Loyola, 2010.

_____. *Tres versiones rivales de la ética*. Madrid: Rialp, 1992.

_____. *Animales racionales y dependientes*. Barcelona: Paidós, 2001.

SINGER, P. *Um só mundo*. A ética da Globalização. São Paulo: Martins Fontes, 2004.